

---

## ***Pretextos de mulheres negras: o gênero antologia como arquivo e espaço de visibilidade***

Rosa Alda Souza de Oliveira



### **Resumo**

Este trabalho anseia abordar e problematizar a literatura brasileira contemporânea a partir da leitura da antologia *Pretextos de mulheres negras*, publicada em 2013. Neste esforço, busca-se apresentar o gênero antologia como um recurso que além de agrupar textos e autores contribui para a configuração de um novo espaço no qual se contemplam novas vozes e, sobretudo, novas identidades. Dessa forma, toma-se a produção antológica sob a perspectiva de arquivo, aqui entendido, conforme as propostas de Jacques Derrida, como um dispositivo que não apenas conserva, revivifica e registra, como também produz evento, descobre e institui conhecimento. Assim, analisa-se a leitura que esta antologia possibilita tanto da crítica presente no gênero, quanto da ideia de ruptura, continuidade e desmonopolização dos lugares de fala presentes na poesia contemporânea.

*Palavras chave: Antologia; Mulher; Literatura; Arquivo; Pretexto de Mulheres Negras*

O histórico da literatura brasileira permite identificar um longo silêncio da mulher, sobretudo, as negras, dentro do sistema literário. A exclusão histórica da autoria feminina é para Teixeira (p. 1) “resultado de práticas culturais que privilegiaram a enunciação do sujeito dominante da cultura, o sujeito masculino”. Paralelo ao silêncio é possível observar a representação estereotipada da mulher, uma apresentação forjada a partir de discursos negativos, produzidos em sua maioria por homens brancos “que sempre tiveram uma atuação determinante na configuração dos cânones nacionais (idem)”.

Sob esse prisma, pode se observar que a representação “constitui um influente espaço de manutenção do poder (NEVES, 2013, p.11)”. Um poder que se concretiza através da literatura que “assume um importante papel no estabelecimento das

identidades, uma vez que, também opera como modelos simbólicos de representação (idem)". Para a pesquisadora supracitada:

O tradicional modelo simbólico de mulher marginalizada da esfera pública e do poder dependente economicamente do homem foi intensamente reproduzido ao longo da história literária para servir aos interesses da ideologia patriarcal, isto é das estruturas de poder da sociedade que se alicerçam essencialmente na desigualdade entre os sexos. A representação na literatura, com efeito, revela-se como um conjunto de mecanismos de controle social em que valores são transmitidos para criar e sustentar relações de domínio (NEVES, 2013, p.12).

Para Bonnici (2011, p. 119) "a partir da década de 70, com a emergência dos estudos pós-coloniais e da Crítica feminista" os preconceitos que sempre cercearam a mulher e conseqüentemente a sua escrita começaram a ser questionados e logo desestabilizados. Ao estabelecer o confronto da homogeneização com outros modelos simbólicos, a Crítica Feminista agencia um deslocamento de discurso e de sujeito, pois ao questionar e tornar instável o "pensamento patriarcal" trás para o centro grupos que foram historicamente falseados e excluídos, isto é, privados de falar e de se representarem socialmente.

Integrante desses grupos marginalizados, a mulher, especialmente a negra, subjugada em razão do sexo, da cor e também pela posição social, tem conseguido agenciar sua subjetividade a partir das perspectivas da literatura afro-brasileira, uma vertente literária que apesar de ainda em construção tem como prioridade refletir e organizar a consciência social e identitária do negro. Essa literatura, cunhada por Duarte (2011, p. 22) como "suplementar" ao apresentar a constituição de um projeto de escritura produzida por afrodescendentes "questiona e abala a trajetória e a linear historiografia literária canônica".

Cambraia e Lousada (2013) no artigo "a voz silenciada da literatura brasileira", ao refletir sobre as considerações de Liebig (2005) acerca da literatura produzida por mulheres negras, afirmam que:

As escritoras negras têm buscado reconstruir as representações sociais sobre si, contestando as já existentes e reelaborando suas imagens e os papéis que assumiram/assumem na sociedade. Para a autora, a representação é um processo de significação histórica, socialmente construído e determinado por relações de poder. Ao fazer isso, essas mulheres questionam um projeto de uma identidade unitária, principalmente, em relação ao gênero e a identidade étnica. A autoria feminina negra não significa apenas uma mudança na identidade de gênero e étnico-racial da escritora; mais do que uma mudança das características de quem escreve, há uma alteração de perspectiva (CAMBRAIA E LOUSADA, 2013, p. 3).



Neste sentido, para que haja a ruptura com o discurso dominante e a desmonopolização dos lugares de fala, faz-se imprescindível à literatura de autoria feminina a apropriação de um espaço mais vasto para que a mulher, enquanto um olhar da diferença, exponha suas perspectivas por meio de sua própria representação. É a partir da ideia de denúncia ao etnocentrismo, ao patriarcalismo e também de deslocamento da mulher negra de objeto do “outro” a sujeito e personagem representativa de si que se inscreve *Pretextos de Mulheres Negras*, uma antologia que além de expor toda problemática em torno da história da mulher negra e da literatura de autoria feminina pode ser vista também como uma forma de arquivo.

A reflexão, em torno dessa compilação demanda uma breve análise do conceito propriamente dito de antologia, “coleção de textos (em verso ou em prosa) selecionados de forma que melhor representem a obra de um autor, ou um tema comum a vários autores, ou uma determinada época etc.; coletânea; seleta [...] (AULETE, 2012, p 1)”. Perante essa definição, pode se inferir que a produção de antologias está associada ao anseio de promover uma “unidade” com objetivos comuns, ou seja, uma forma de evitar a dispersão tanto de textos como também de ideais. Assim “a consignação tende a coordenar um único corpus em um sistema ou uma sincronia na qual todos elementos articulam a unidade de configuração ideal (DERRIDA, 2001, p.14)”.

Segundo Maria da Natividade Pires (1995, p. 323), o gênero antologia é uma forma de chamar a atenção para “autores e temas rejeitados, ou situações políticas e sociais intencionalmente escamoteadas, funcionando como provocação, acentuada

pela condensação de nomes ou temas não aceites”. Neste sentido, para Ivete Walty “a antologia é tomada como suporte, elemento de exterioridade do ato de arquivar, marcado por uma técnica de consignação, constituição de uma instância e de um lugar de autoridade (WALTY, 2007, p.33)”.

A compilação poética aqui analisada pode ser pensada a partir dessa perspectiva, já que apresenta uma mobilização, uma “união” em torno de uma causa comum: a busca da mulher negra por um espaço sua auto representação tanto no campo social quanto no literário. Desse modo, numa tentativa não apenas de reunir, mas também instruir, esta coleção poética angaria produções que tragam em suas estruturas elementos que direcionem a um objetivo singular, atestando dessa forma o caráter pedagógico e documental da compilação.

Partindo dessa afirmação pode se perceber que “as antologias têm uma função indispensável no conhecimento, conservação, revivificação e descoberta da literatura (PIRES, 1995, p. 323)”. Isto vai ao encontro das reflexões de Derrida sobre o arquivo enquanto “lugar de memória, lugar material que permite a memorização, a repetição, a reprodução e a reimpressão (DERRIDA, 2001, p.28-29)”.

Assim sendo, pode-se pensar a antologia como uma forma de combate contra a dispersão e a fragmentação próprias da passagem do tempo, isto é, como um arquivo que além de reunir, interpretar, instituir e conservar corrobora também com o atestado de vitalidade da poesia.

*Pretexto de Mulheres Negras* é inspirada no livro *Oro Obírin - 1º Premio Literário e Ensaístico Sobre a Condição da Mulher Negra*, homenagem a Lélia Gonzalez, publicado pela ONG Criola em 1998, no Rio de Janeiro, é produto das ações do coletivo Mjiba<sup>1</sup>. Organizada por Carmen Faustino e Elizandra Souza, a antologia, registra a poesia de vinte mulheres negras da cidade de São Paulo e os textos das convidadas Queen Nzinga Maxwell (Costa Rica) e de Tina Mucavele (Moçambique).

<sup>1</sup> Conforme notas finais de *Pretextos de Mulheres Negras*, a palavra Mjiba é originária de Zimbabué, da língua chona e significa Jovem Mulher Revolucionária. Mjibas foram mulheres que enfrentaram as tropas britânicas e lutaram pela independência do seu país (2013, p. 132).



Essa compilação foi organizada conforme os critérios de valor e de representação desses poemas. Concebendo valor não por serem escritos pelas melhores poetas ou por apresentarem poemas esteticamente mais bem estruturados, mas sim por serem produzidos por mulheres negras ávidas em se forjarem historicamente, ou seja, se auto-representarem. Neste sentido, percebe-se nessas produções o anseio em documentar para a posterioridade as experiências de um determinado grupo.

Segundo Tonon (2008, p. 8), a noção de arquivo derridaiana, “não pressupõe hierarquia ou organização entre seus componentes, mas se constitui através do acúmulo, da estocagem que objetiva registrar, salvar, tornar certo material disponível para o futuro, como aposta, como penhor”. Para a pesquisadora supracitada (ibid, p.19), o “que está em jogo, nas operações de ler, escolher, coletar e reunir, é uma exclusão. E temos modos diferentes de lidar com a exclusão”. Mas o que predomina na antologia mencionada acima, indiferente dos critérios de qualidade e de valor, é a preocupação em reunir uma quantidade plausível de vozes, sejam elas fracas ou fortes, que representemo “quadro vivo” da literatura produzida sob o olhar e o punho da mulher negra.

Ao refletir sobre a função sincrônica, quase fotográfica das coletâneas Júlia Osório afirma que:

De fato, toda a antologia tem um projeto político de edição, o qual influencia a escolha dos textos transcritos e a estrutura do livro. Independentemente de cada uma fazer escolhas conforme o interesse editorial, acredito que compor esse tipo de publicação, na contemporaneidade, seja uma alternativa para ampliar o contato entre o leitor e os textos que vem sendo editados e publicados no tempo presente. Um gesto historiográfico que memoriza uma das linhas de um tempo presente, uma atitude anacrônica, singular, que rompe com aquela linearidade temporal una da história dos cânones, materializada no registro nominativo, nos manuais, de autores, obras e escolas literárias. Cada antologia, portanto, narra uma história, um ponto de vista de um grupo de leitores interessados em expor a transcrição de um conjunto de textos e fazer com que outros também possam ler as manifestações poéticas que estão aí, nos arquivos das livrarias e da *web* (OSÓRIO, 2011, p.1006).



Em vias de análise, *Pretexto de Mulheres Negras* tende a representar exclusivamente personagens do sexo feminino. Embora haja um número maior de escritoras pertencentes à região periférica de São Paulo, a ideia homogênea de espaço territorial se desfaz, a partir da interação e da inclusão de autoras inseridas em outras realidades, como é o caso da Costa Riquenha Maxwell e da moçambicana Mucavele.

As poetisas reunidas na compilação são em sua maioria heterossexuais, todas se definem negras e se mostram orgulhosas de sua cor. Com idades compreendidas entre 20 e 40 anos, essas mulheres (autoras) circulam no espaço social desempenhando, além de suas funções comuns (mãe, esposa), compromissos com projetos sociais.

Embora essa coletânea tenha como recorte principal as categorias gênero e raça, ela não representa uma reprodução excludente, pois a não inserção do sexo masculino e da raça branca não concebe a ideia de uma eliminação, uma exclusão, mas sim um agenciamento de novas subjetividades. No que tange às informações biográficas, antes de cada composição poética, nas quais é possível identificar nome, profissão e em quase todos os casos a idade, cidade onde nasceu e em que reside, percebe-se que essas mulheres desempenham profissões voltadas para a área das Ciências Humanas (dentre as quais se destacam as funções de professora e jornalista).

O fato de esta antologia colocar em cena mulheres negras, letradas, algumas já com livros publicados, permite identificar uma diferença entre o perfil das autoras de *Pretextos de Mulheres Negras* com as compiladas nas duas antologias organizadas por Luis Ruffato (*25 Mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004) e *Mais 30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2005)), em que as mulheres ali reunidas são brancas e pertencentes a uma posição geográfica privilegiada, e com certo *status* social.

De acordo com Luis Ruffato, “o processo de emancipação da mulher ocorre com mais nitidez onde há mais facilidade no acesso à educação (RUFFATO, 2005, p. 11 apud: NEVES, 2013, p. 98)”, isto permite observar como o acesso à educação pelas

classes marginalizadas, sobretudo as que se encontram na periferia, tem possibilitado a emancipação e afirmação de identidades, caracterizando assim a descentralização do poder.

Na antologia aqui elegida como *corpus* a nota introdutória aponta uma explícita consciência das organizadoras sobre a ideia de ruptura e continuidade presentes em suas produções. Ao usar como recorte mulheres, negras, oriundas da periferia, essas autoras visam romper com o patriarcalismo e o etnocentrismo vigente, ao mesmo tempo em que prosseguem com os ideais de mulheres anteriores que buscaram a partir de suas ações e de seus projetos imprimir as marcas da diferença e se reposicionar enquanto sujeito.

Isto pode ser identificado a partir do discurso das organizadoras ao afirmarem que são:

[...] a continuidade de mulheres negras que nunca conheceram o que era a escrita e também escritoras negras como Maria Firmina, Carolina Maria de Jesus, Maria Tereza, entre outras que não estão mais entre nós, mas que nos presentearam com suas flores e espalharam suas sementes que germinaram bons frutos, nos quais colhemos e nos alimentamos nos dias de hoje. Mas como toda plantação, precisamos constantemente replantar e espalhar novas sementes (FAUSTINO E SOUZA, 2013. p. 7).

Ao mapear as peculiaridades de alguns poemas presentes na compilação, chega-se a conclusão de que se faz perceptível uma diversidade de experiências cotidianas articuladas no terreno do fazer poético que possibilita leituras transgressoras em graus diferenciados, sobre os seguintes temas: o amor, a sexualidade; as lacunas da composição tradicional familiar, os complexos identitários; as nuances históricas e seus reflexos na vida das mulheres. Trata-se, enfim, de temáticas que buscam refletir como a mulher se inscreve nessa conjuntura instável e fragmentada que é a pós-modernidade.

Isto posto, pode se afirmar que a antologia, aqui em questão, assume certo relevo no cenário da literatura brasileira, pois ao exibir de forma geral escritoras que falam da margem, *Pretextos de Mulheres Negras*, “põe em cena jovens que estão

fazendo a nova literatura brasileira, o que representa uma ruptura com o pensamento androcêntrico que sustenta a hegemonia masculina na literatura (NEVES, 2013, p.100)". No entanto, é como lembra, Tiely Queen (2013, p.103), uma das autoras da antologia, "nossa presença na literatura ainda é tímida, mas com desejos e intenções avassaladoras".

Essa compilação se faz necessária, pois além de esboçar um novo quadro da literatura brasileira contemporânea reporta a assuntos e problemas típicos da sociedade pós-moderna. A visibilidade e o vozear "de perspectivas sociais diversas na literatura, tanto na esfera da produção quanto na da representação das personagens, são questões politicamente relevantes (NEVES, 2013, p. 101)", uma vez que, revela "o reconhecimento do valor das múltiplas formas de expressões culturais e artísticas dos grupos marginalizados".

Vale retornar ao conceito de arquivo, associando-o à própria história da literatura brasileira, em seu papel de conservar e/ou excluir. "Se em um primeiro momento, pensa-se o arquivo como o lugar da conservação, do controle, da fixação, em outro momento, este se faz lugar da violação, da transgressão, abrindo possibilidade de releituras (WALTY, 2007, p. 39)". Dessa forma, a exposição da vivência das escritoras nessa antologia possibilita a representação de um universo diferente com sensibilidade e criticidade, no entanto não impede a releitura desse universo por outros grupos sociais.

A partir da leitura de *Pretexto de mulheres*, é possível perceber que os poemas em sua maioria fazem uma retomada da histórica opressão imposta às mulheres e às reflexões sobre gênero e identidade. Importante ressaltar o teor auto-biográfico presentes nesses poemas representando de forma direta os traumas individuais e sociais ampliados pela histórica exclusão e marginalização. Conforme expressa Chaia Dechen:

O espaço da mulher negra na literatura ainda é pequeno, a grande mídia exclui nossa presença ou nos coloca de forma estereotipada, por isso sinto a necessidade de estar em alerta buscar a amplitude, enxergar minha realidade e as ações racista e heterossexistas que nos bombardeiam



diariamente ou tentam nos aprisionar em conceitos de violação. (DECHEN, 2013, p.13)

A afirmação da mulher pode ser percebida, em alguns poemas, a partir da posição que esta assume nos textos que abordam sobre o relacionamento amoroso e a formação familiar. A mulher, na maioria das vezes assume o papel de protagonista familiar e também da história, é o que expressa os versos do poema “Coroa” de Carmen Faustino para quem a mulher negra merece uma coroação por ser “filha da luta, dignidade na conduta/ [...] / e sua coroação será única / mulher negra é herdeira da verdade [...]”, pois com certeza, “sua passagem nunca será em vão (2013, p.10)”. Estes versos além de exaltar o valor da mulher negra, representam ainda a descentralização do poder patriarcal.

No que concerne aos poemas que fazem alusão à fragmentação das identidades, nota-se que estas “não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas (Hall, 2000, p. 108)”. Assim sendo, há uma tendência de ruptura com a estrutura social imposta como modelo. Isto é o que se depreende nos versos do poema “Minha identidade” de Elidivânia Souza.

Breve poema de duas estrofes que nos desloca para além das marcas temporais ao deslocamento cultural e identitário presentes no eu-lírico, a presença do tempo pretérito nos verbos permite observar uma mudança de olhar do eu-lírico sobre a sua cultura é o que reporta os versos “enquanto criança desejava a mesma aparência/que assistia em toda parte / questionava o meu tom de pele escura / diferente das bonecas (2013, p.30)”. A ideia de que isso pertence a um tempo distante é o que permite inferir que o sujeito poético já não se encontra mais naquela condição.

Nota-se assim que enquanto na primeira estrofe o sujeito lírico mostra o processo de assimilação ao qual estava submetido, na segunda, é possível identificar que essa assimilação já não existe mais e que no presente o eu-lírico é consciente do valor de sua origem e de sua cultura, pois “somos filamentos da mesma rocha / Mãe

identidade / fruto de herança genética/ traços sublimes de características individuais/ que se encaixam como peça / de uma enorme pintura divina (2013, p. 30)".



O olhar crítico da mulher negra sobre toda problemática envolvendo a sociedade contemporânea, especificamente no que se refere à fragmentação do sujeito, à fluidez dos relacionamentos, os padrões de beleza pré-estabelecidos e os preconceitos sobre a mulher, ganha uma tônica especial no poema "Eu sou Eu" de Queen Nzingamaxwell, que vivendo em um mundo / dominado por homens com padrões de beleza / que não incluem a minha / Eu sou eu. Uma sociedade em que não pode nem olhar-te o próprio rosto / sem se ver-te a si mesma / pelos olhos do outro [...] que continua me dividindo em compartimentos [...], vivendo padrões de beleza errados admirando a imagem irreal [...] se um homem não pensa só em sexo o chama logo de anormal [...], eu seguirei sendo eu amando a mim mesma e não a padrões suicidas, mas em formas de uma deusa em sua perfeição (2013, p. 89).

Todavia, é possível observar em alguns poemas e até mesmo no depoimento de algumas escritoras, desta compilação, que a conscientização da identidade da mulher negra e da condição em que se encontra em alguns casos veio a partir da realidade diaspórica, ou seja, foi na experiência do desprendimento, no estar longe de suas casas, em contatos com o branco que houve o despertar para "a busca e a valorização de suas raízes". É na diáspora como desterrados que elas "vão reinventar sua identidade num discurso que traz as marcas de seu entre lugar cultural" (REIS, 2011, p. 80). Isto pode ser evidenciado na declaração da poetisa, Nayla Carvalho, ao afirmar que:

Criada em uma família negra frequentando espaços brancos e no meu processo de busca, tentei por muitas vezes ser o outro e negar minha origem [...]. Precisei sair para valorizar o que estava dentro. A mulher negra que eu via com vergonha e inferioridade, hoje eu vejo com beleza e dignidade. Somos a voz que tentam calar, mas que grita toda vez que uma de nós se reconhece (2013, p. 75).

Ao selecionar de forma criteriosa as autoras e os textos reunidos em *Pretextos de Mulheres negras*, as organizadoras da antologia, buscou privilegiar as vozes que falam da margem, ou seja, procurou pensar a literatura a partir de seu espaço legítimo, sem impedir a abertura desse espaço para outras leituras. No entanto, vale ressaltar que o projeto literário desta antologia tem como prioridade ocupar um espaço até então negado e principalmente afirmar o desejo de ampliação desse espaço, pois conforme expressa os versos “antes de saber do pente que penteia meu cabelo / saiba que a luta continua e extinguirá a opressão / ao nos encontrar nos fóruns, consultórios, presidência / reprima seu preconceito acostume-se à visão (CARVALHO, p. 77)”.

Essa ideia de luta contínua aparece também em outros poemas, pois “na correria contra o tempo / de uma luta não fadada / respeito às diferenças / é nossa linha de chegada (2013, p. 43)”. Um desejo de transformação que não se atém a mudar apenas a cena literária, mas sim a sociedade como um todo “nos ciclos econômicos, a cultura modificando, aglutinando aprendizados e o estado transformando (2013, p. 43)”.

Neste sentido, esta coletânea além de ir contra o discurso homogêneo dominante, intenta também uma forma de se inscrever positivamente na cena literária brasileira, pois isto representa não somente os frutos disseminados pelas teorias feministas, mas também uma conquista que a sociedade venha absorver. Pois o arquivo, mais que uma coisa do passado é justamente o que põe em questão a chegada do futuro, como possibilidade. Derrida nos diz que não sabemos estritamente o que arquivo quer dizer, isso saberemos no por-vir. Ao tratar de arquivo, tratamos da questão de “uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para amanhã” (DERRIDA, 2001, p.50).

## REFERÊNCIAS

AULETE, C. Dicionário Aulete. Editora Lexicon. Disponível em:  
<http://aulete.uol.com.br/site.php>? Acesso em 15 setembro 2015.

BONNICI, Thomas (2011). *O cânone literário e a crítica literária: o debate entre a exclusão e a inclusão*. In: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio Roberto do (Orgs.). *Margens instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura*. Maringá: Eduem. p. 101-128

DALCASTAGNÈ, Regina; THOMAZ, Paulo Cesar (Orgs.) (2011). *Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte.

DERRIDA, Jacques (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad.: Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: RelumeDumará.

DUARTE, Eduardo de Assis (2011). *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. In: *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. V. 4 - Belo Horizonte: Editora UFMG.

HALL, Stuart (2000). *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes. p. 103-133.

OSORIO, Julia. (2011) *Rui Pires Cabral, um poeta de trezentos leitores?*. In: IX Seminário Internacional de História da Literatura, 2012, Porto Alegre. Anais 9. Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre: PUCRS, p. 1005-1011.

PIRES, Maria da Natividade (1995). "Antologia", in *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol. 1, Lisboa - São Paulo: Editora Verbo, pp. 322 - 323.

REIS, Eliana Lourenço de Lima (2011). *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

TEIXEIRA, NírciaCecília Ribas Borges. *Retratos da escrita de autoria feminina na literatura brasileira: cenas paranaenses*. Disponível em:  
<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/> Acesso em: 10 setembro, 2015.

TONON, E. H. *A poesia brasileira em suas antologias*. In: I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, São Paulo: Anais do I Simelp, 2008.

FAUSTINO, Carmen e Elizandra Souza (2013); (Orgs.). *Pretextos de Mulheres Negras*, São Paulo: Mjiba.

WALTY, Ivete Lara Camargos. "Antologia: arquivo e exclusão". *Violência e Realismo* n. 25. p. 87-94, jan./jun. 2007. Disponível em:  
<http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/pvolumeonepapers/p1walty.pdf> . Acesso em: 18 setembro, 2015.